
A dança na interdisciplinaridade com a literatura e as artes visuais¹

Isleide Steil² <https://orcid.org/0000-0002-1844-3307>

Resumo

O objetivo, neste artigo, foi discutir possibilidades de relação entre dança, literatura e artes visuais, no intuito de apresentar outras viabilidades de práticas de dança na escola para além de repetições de técnicas corporais e coreografias. Foi um estudo de caráter qualitativo, cuja metodologia foi a Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA), com aporte teórico em Petit (2009, 2019), Marques (2012) e Vianna (2005). Como resultado, sinaliza-se que práticas interdisciplinares despertam outros olhares e entendimentos para as áreas envolvidas, e que a dança, sendo uma área de conhecimento, pode ser propulsora de experiências sensíveis na escola com mediações culturais adequadas.

Palavras-chave: Dança. Literatura. Artes Visuais. Grafia do movimento.

Dance in interdisciplinarity with literature and visual arts

Abstract

The objective, in this paper, was to discuss possibilities of relationship between dance, literature and visual arts, in order to present other viabilities of dance practices at school beyond repetition of body techniques and choreographies. It was a qualitative study, whose methodology was the Arts Based Educational Research (BERA), with theoretical contribution in Petit (2009, 2019), Marques (2012) and Vianna (2005). As a result, it is signaled that interdisciplinary practices awaken other gazes and understandings for the areas involved, and that dance, being an area of knowledge, can be a driver for sensitive experiences in school with adequate cultural mediations.

Keywords: Dance; Literature; Visual Arts; Movement graph.

¹ Este artigo é proveniente da tese de Doutorado da autora intitulada *Educação estética e o corpo dançante na escola*, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Vale do Itajaí (Steil, 2021).

² Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí: isleidesteil12@gmail.com.

Introdução

*Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.
Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.
Cecília Meireles*

Cecília Meireles (2002, p. 170), em sua escrita poética, faz a relação da vida com o desenho, anuncia que não há medida certa e que nossos traços são refeitos a cada dia pelas linhas retas, sinuosas e curvas. Que a busca pela exatidão se dá sem o rigor das estruturas que compõem nossas vidas. Assim acontece com o nosso corpo ao movimentá-lo, traçamos desenhos no espaço, sejam visíveis ou invisíveis, perceptivos ou imperceptíveis, conscientes ou inconscientes. Nossos movimentos habituais mostram-se despidos do rigor de uma técnica, pois desvelam e contam nossa história, nossas memórias e as perspectivas do que nosso corpo carrega.

Nesse sentido, neste artigo, temos o objetivo de fazer a relação da dança com a literatura e a grafia, a qual denominamos de “grafia do movimento”. Discutimos a prática da dança em uma perspectiva interdisciplinar, a qual entrelaça outros saberes para além da dança e nos permite vislumbrar um corpo potente, criativo e perceptivo na relação com a leitura do literário e as artes visuais.

Quando nos reportamos à dança com outras áreas do conhecimento, a experiência dá-se entre dois ou mais objetos, como, por exemplo, a dança e a literatura, ou a dança e a grafia, ou, ainda, a dança com a literatura e a grafia. Todavia, ressaltamos que a dança só acontece em um corpo em movimento. Então, a experiência com dança sempre perpassa pelo corpo, pelo sujeito na relação do que se apresenta no ato da prática.

Neitzel *et al.* (2017) pensam a leitura do literário como um acontecimento, por meio do qual a literatura busca explorar o sensível ao trazer a obra para a vida dos leitores, ao agir na

subjetividade, na sensibilidade e na racionalidade, de forma integrada, provocando, no leitor, deslocamentos e ressonâncias. Petit (2019) enfatiza que a leitura perpassa nosso corpo. Para a autora, “escrever ou ler começa no corpo” (Petit, 2019, p. 169). Nesse sentido, a leitura do literário impregnada no corpo reverbera em movimento dançado, como foi trabalhado nesta pesquisa.

A relação que se estabelece entre sujeito e obra literária depende de como este adentra a leitura ou como a literatura chega a ele. A literatura, ao ser explorada pelo viés da estética, pode apontar diferentes sentidos na leitura que “[...] repercute em saberes, modos de ser e de ver a vida e se relacionar com o outro, assim amplia suas vivências e posteriores experiências” (Nhoque, 2020, p. 183).

Petit (2009) fala-nos que a literatura nos empresta os olhos para ver o espaço que ela nos oferece. Um espaço de paisagens, emoções, pensamentos, atravessamentos, passagens, “[...] uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, e, portanto, o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis” (Petit, 2009, p. 76).

A potência da literatura convoca o corpo na sua totalidade, pois provoca um deslocamento de espaços e de tempo. A leitura do literário, quando mediada pelas vias estéticas, pode levar o sujeito a um encontro sensível, capaz de afetá-lo e possibilitar outros olhares e entendimentos, pois o texto “[...] possui uma força que nos chama a alçar voos e descobrir os caminhos mais impensados” (Neitzel *et al.*, 2017, p. 123).

Neste estudo, a literatura e a grafia foram abordadas como objetos propositores para provocar a dança. Uma boa mediação cultural faz uso de objetos propositores como condução para o rompimento de lógicas cotidianas, por meio de estranhamentos e de afetamentos. Martins *et al.* (2005, p. 99) revelam que o objeto propositor é um “[...] veículo por meio do qual os espectadores desvelam sua própria poética”. Objetos propositores, como a leitura, a discussão de textos literários e a arte da grafia na relação com a dança, despertam a capacidade do corpo se movimentar de forma liberta de padrões técnicos em dança, desvelam um corpo dançante que expressa um movimento puro, sincero com seu íntimo, com a sua subjetividade.

A palavra “grafia” tem origem na palavra grega *γράφειν* (*graphein*), que significa escrever, é uma representação gráfica da escrita. Quando dançamos, deixamos a escrita de nossos movimentos no espaço, por meio dos gestos, dos signos, dos movimentos dançados, o qual chamamos neste estudo de “grafia do movimento”. Marques (2012, p. 92) anuncia que “[...] as

grafias de dança são registros, vestígios de uma dança que já não está mais ali, mas indiciam como as ocorrências se deram, já que sinalizam modos relacionais”. A autora faz a relação da grafia com desenhos de corpos inscritos nas pedras do Parque Nacional Serra da Capivara, que são registros que contam sobre a história da humanidade.

O corpo, ao movimentar-se, produz registros; nesse sentido, consideramos que a grafia do movimento tem o corpo como objeto propositor para a criação de uma obra visual e a obra como objeto propositor para o movimento do corpo em dança. Nessa relação, levantamos alguns questionamentos: Como o corpo dançante produz traços, linhas, desenhos? Como a obra produzida pelo corpo desperta um novo movimento dançado? Nesse contexto, percebemos como o corpo sendo produtor e receptor da obra visual instiga novos significados da relação entre corpo, movimento e obra de arte.

Nessa proposta, o corpo, ao movimentar-se, produz registros em um grande painel no chão. As linhas registradas nesse painel, a partir do movimento dançado, indicam correlações entre traços e movimento. “Nos sistemas gráficos de dança é possível observar a continuidade de algumas informações em relação aos modos como os corpos se organizam” (Marques, 2012, p. 72). Essa dança resulta em uma obra visual, que, posteriormente, se torna objeto propositor para uma nova dança, despertando um outro olhar, tanto para a obra visual quanto para a própria dança. Tudo perpassa por um processo contínuo e criativo de movimentos, de relações entre corpo, dança e grafia que possibilita a criação, a observação, a reflexão, e principalmente, a fruição. Assim sendo, o “[...] desenho voltado para criação em dança é um desenho que propõe, que sugere, que dispara um processo de pesquisa, seja de movimentos para aumentar o vocabulário gestual em dança, seja de formas outras de pensar o fazer em dança” (Bento, 2019, p. 41).

Os objetos propositores deste estudo são a literatura e a grafia, que provocam o corpo a dançar de forma genuína, aviva um olhar para si, para o entorno, para as possibilidades de relações que o corpo pode estabelecer e para um olhar mais apurado para as sensibilidades, porém não apartado da racionalidade, da vida.

Metodologia

Este estudo, de caráter qualitativo, teve como objetivo discutir possibilidades de relação entre dança, literatura e artes visuais. Ele foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e respeitou todas as salvaguardas éticas necessárias e requisitos da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2013).

Dias (2013, p. 16) anuncia que as pesquisas qualitativas “[...] fornecem respostas a questões que têm a ver com atitudes, sentimentos, sensações, percepções e construções sociais de sentido”. Nesse sentido, elas tratam o sujeito de forma única, pois não buscam generalizar uma situação, mas consideram as singularidades, as peculiaridades de cada sujeito, entendendo que cada um surge de um contexto e se encontra com seus pares em um outro contexto. Elas enfatizam as experiências pessoais, as vozes dos sujeitos e são marcadas pela interpretação, baseada em experiências.

Neste estudo, optamos pelo uso da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) como metodologia de pesquisa. A PEBA possibilita tecer relações entre a arte, a educação e a pesquisa, estabelecendo modos de pensar o conhecimento científico com a criação artística, na busca do entendimento e da “[...] construção de significados que possam também oportunizar aos sujeitos envolvidos na pesquisa um envolvimento de conhecimento de si, o qual pode possibilitar mudanças, se vivido como experiência” (Neitzel *et al.*, 2022, p. 4).

A geração de dados ocorreu em uma Escola Básica da Rede Municipal de Ensino da cidade de Itajaí, Santa Catarina (SC), onde aconteceram oficinas de dança em um período de seis meses, totalizando 11 encontros. As oficinas tinham duração de uma hora e 50 minutos, aconteciam a cada 15 dias, e foram oferecidas para os anos finais do Ensino Fundamental, no contraturno escolar, sem a obrigatoriedade de participação dos estudantes.

Para este estudo, foi feito um recorte desse período de investigação na escola com foco nas práticas que estabeleceram a relação da dança/corpo com o desenho/grafia e as leituras literárias – tudo isso proposto como molas propulsoras para o conhecimento do corpo e a criação da dança. Nesse processo, utilizamos trechos poéticos da obra literária *Grande Sertão: Veredas*,

de Guimarães Rosa (1986), os quais eram lidos e discutidos entre o grupo, no intuito de repercutir em uma releitura corporal e estabelecer relações com a grafia do movimento.

A escolha por essa obra justifica-se tendo em vista que *Grande Sertão: Veredas* é uma obra universal, aberta, atemporal, que nos permite entrar nela por várias lentes, uma vez que seu projeto literário se revela plurissignificante, com vários estratos, a saber: filosóficos, metafísicos, metalinguísticos, entre outros. É uma obra que nos exige adentrá-la não apenas pela racionalidade, mas, principalmente, pela sensibilidade; é uma leitura que se desdobra em múltiplos sentidos, que provoca a fruição.

O encontro das artes: dança, literatura e artes visuais/grafia do movimento

A escola sendo um espaço de formação do ser humano, prepara o indivíduo para viver em sociedade, adquirir conhecimentos, habilidades e valores, tomar decisões, ser um cidadão crítico, consciente, coerente, responsável, criativo, cooperativo, flexível, entre outros. A escola é um espaço “[...] que permite ao sujeito a possibilidade de redimensionar e ressignificar a si, seu modo de viver/existir e sua intervenção no contexto inserido” (Marcelino, 2020, p. 53). A dança pelo viés estético, em outras palavras, quando é trabalhada para além da reprodução de técnicas corporais ou com foco na construção de coreografias, pode potencializar a construção de todos os saberes, e, assim, criar sentidos e outras formas de viver o mundo, pois busca reverberar “[...] nos pensamentos e sentimentos, na noção de empoderamento e autonomia, e na ressignificação de valores” (Marcelino, 2020, p. 59).

O ensino de Arte, na escola, independentemente da linguagem desenvolvida, pode ser promovido por meio de experiências estéticas que ampliem a construção de sentidos para um indivíduo mais autônomo, crítico, perceptivo e criativo. A educação estética, na escola, “[...] oportuniza a ampliação da literacia sobre o ambiente e sobre os fenômenos e ocorrências com que o indivíduo se relaciona, possibilitando o alargamento de sua capacidade de invenção (de discursos, de atitudes, de conhecimento)” (Terrasa; Ferreira, 2018, p. 110), colaborando para que o sujeito tenha um olhar mais crítico em relação aos contextos sociais, culturais, históricos e políticos.

Duarte Jr. (2010) anuncia a educação estética como a educação do sensível, que se dá pelo refinamento dos sentidos do corpo, pela sinestesia e pelo encontro com a arte, no jogo que se institui entre o fruidor e a obra, jogo que envolve a apreciação e a reflexão. A dança pelo viés da educação estética torna-se uma dança para além da busca de uma técnica específica, pode tornar-se um momento de autoconhecimento e de entendimento das possíveis relações que o corpo consegue estabelecer. Nesse sentido, a dança pode despertar saberes corporais que atravessam o sujeito e possibilitam um outro olhar, uma outra escuta, um outro pensar; e promove um encontro de entrega, de percepção e de travessia, que acontece no fazer uma experiência estética.

As experiências estéticas instigam o conhecimento sensível e inteligível. As obras de arte “[...] apenas ganham significação na medida em que podem ser vinculadas à vida e às experiências efetivamente vividas pelas pessoas” (Duarte Jr., 2010, p. 186). A dança pelo viés da educação estética permite que nos tornemos seres capazes de ver além do que está naturalizado em nós, possibilitando, dessa maneira, que busquemos movimentos diferentes dos habituais.

Nessa acepção, a percepção aflorada do corpo desperta os sentidos e, conseqüentemente, seus modos de interagir com o mundo, trazendo a possibilidade de uma relação mais sensível com os meios de atuação. A arte da dança possibilita, assim, uma relação mais estética com o mundo. Todavia, lembramos que essa relação não se dá apartada do inteligível, porque não temos um corpo, somos corpo, um corpo cheio de conhecimentos e saberes que se completam.

Explorar a dança com outras linguagens artísticas torna-se um trabalho interdisciplinar na escola e possibilita outros olhares e entendimentos para as áreas envolvidas. Adentrar um texto literário de forma fruitiva pela leitura, pelo diálogo e pelo experimentar no corpo produz outros sentidos, tanto para a dança, quanto para o texto e para a vida. Dar continuidade a esse trabalho com o desenho, a grafia, permite ao estudante ressignificar seu olhar para o corpo em movimento e para formas de se criar uma obra visual. E, ainda, perceber e sentir como essa obra visual pode reverberar no corpo que dança.

Guimarães Rosa, com sua poesia sobre a vida, foi o objeto propositor para o início da prática em dança, pois, como anuncia Petit (2009), ler ou escrever começa no corpo, e, assim,

possibilita outros modos de percepções e de entendimentos, uma vez que os livros permitem “dançar sobre um pé diferente” (Petit, 2009, p. 78). “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa, 1986, p. 52). Esse trecho do texto de Guimarães Rosa (1986) foi a mola propulsora para discutir sobre a vida, sobre caminhos, travessias e encontros da vida. E na relação das artes, dança, literatura e desenho foi conversado e explorado sobre como o movimento se dá em uma travessia, como ele se cria, se desdobra e se desloca.

A literatura e a dança proporcionaram travessias encharcadas de diálogos, percepções e trocas, pois “[...] o encontro com o livro coloca o leitor em movimento e lhe permite se conciliar com a sua vida interior [...]” (Petit, 2009, p. 130). Nesse contexto, os sujeitos apresentaram suas percepções sobre o texto mediado, por meio da fala e do corpo dançante. Os sujeitos da pesquisa adentraram o texto e fizeram relações com a vida, como apresentamos nos relatos abaixo:

Lembrou a vida, o real. A vida está na travessia e no real. (Relato do Sujeito 1).

A vida está na travessia. (Relato do Sujeito 2).

É no presente, no caminho que estamos fazendo. (Relato do Sujeito 3).

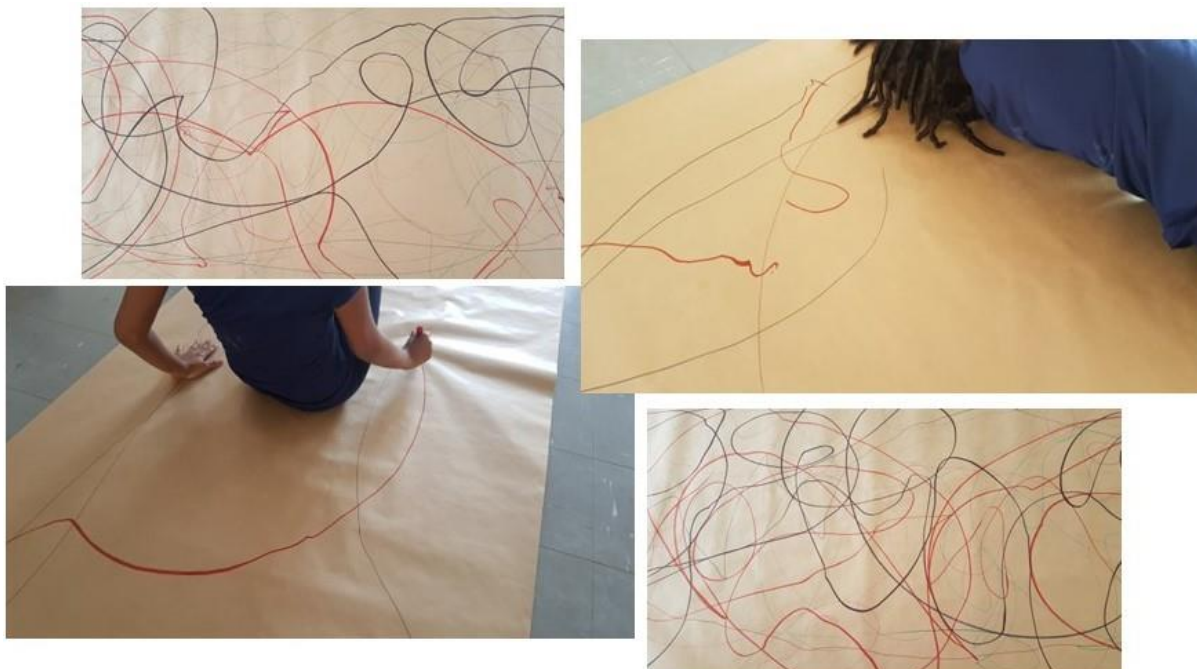
A partir da mediação da professora, os sujeitos discutiram sobre os caminhos que a vida segue, os cruzamentos que acontecem. Essa travessia acontece pelo corpo, e, por isso, o cruzamento do texto, da vida e da dança, pois “[...] o movimento humano tanto é reflexo do interior do homem quanto tradução do mundo exterior” (Vianna, 2005, p. 101). Desse modo, a literatura foi a fonte de inspiração para a criatividade do corpo dançante.

O uso do texto literário como objeto propositivo para a pesquisa em dança possibilita um reconhecimento de si, de passagens, de espaços. A literatura “[...] entra em ressonância com o corpo, as palavras cantam, tem uma presença carnal mesmo que seu sentido [permaneça] misterioso” (Petit, 2019, p. 112), pois ela aponta um tempo diferente e estabelece relações entre vida e arte. “Não é somente um reconhecimento de si que a literatura permite, mas uma mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade e talvez uma educação dos sentimentos” (Petit, 2009, p. 110).

A mediação da professora possibilitou desvelar as relações que os sujeitos estabeleceram entre as artes da dança, da literatura e das artes visuais, pois os corpos que carregam histórias realizaram suas travessias, a partir de seus movimentos, em um grande painel no chão. À medida

que os movimentos surgiam, traços eram registrados no painel, o qual deu vida a uma obra visual com histórias de corpos, encontros e caminhos que se cruzam, como pode ser visto nas imagens da Figura 1.

Figura 1 – Construção do painel



Fonte: Acervo da autora.

O trabalho com a grafia do movimento, no qual os alunos construíram uma obra visual, a partir dos movimentos do corpo (Figura 1), deu luz a traços que representam um caminho da vida, do movimento e da dança, é a travessia de cada corpo em seu movimento dançante. Como na vida real, os caminhos cruzam-se; e, pela sensibilidade, ressignificam-se; pela estesia dos sentidos, abrem-se para outros percursos; e, pela autonomia do corpo, expressam-se de forma singular. Para o Sujeito 4, em seu relato, “os cruzamentos são pessoas que encontramos na nossa vida”, pois somos afetados pelo interior e pelo exterior, no equilíbrio entre pensar e sentir. “O estado estesiológico é o corpo tomado pelas coisas que se mostram por intermédio do logos estético, afetando a existência para um viver entrelaçado com o mundo sensível” (Ferreira, 2017, p. 95).

Com a criação do painel, possibilitamos a observação e a reflexão (Figura 2). A partir disso, os sujeitos apontaram algumas imagens que visualizaram no painel, como coração, flor e pista de corrida. A obra visual foi o resultado do diálogo entre dança e literatura, e, a partir dela, a discussão seguiu pelos traços que se cruzaram com uma ou mais linhas, em que algumas seguem

juntas enquanto outras se repelem. A potência da obra de Guimarães Rosa possibilitou o cruzamento de diferentes linguagens artísticas, a percepção do corpo dançante e o reconhecimento de histórias de vida. A professora, em sua função de mediadora, apontou que uma caminhada não se faz sozinha, há encontros e cruzamentos que nos afetam e alteram nossos percursos e nossas decisões – por isso a importância de estarmos atentos e receptivos para esses encontros da vida.

Figura 2 – Observação e reflexão sobre a obra visual



Fonte: Acervo da autora.

A mediação na escola é um processo fundamental para provocar a estesia e para conduzir a dança para além da prática de técnicas corporais, “[...] por isso necessita ser algo que transcenda a mera transmissão da informação sobre o objeto propositor” (Borba *et al.*, 2016, p. 92), assim como a simples execução de movimentos. O corpo é receptor e difusor de sentidos e de percepções; desse modo, instigar práticas que ativem o pensar, o sentir e o fazer dança é possibilitar que corpos sejam afetados, mas que também afetem, a partir das ressignificações que acontecem. Por isso, “[...] oferecer a oportunidade de experiências provocativas àquele que aprecia, contempla e frui é instigar o outro a sair de hábitos cristalizados e comuns” (Borba *et al.*, 2016, p. 92).

A proposta do encontro possibilitou que, por meio da dança, os sujeitos vivenciassem a leitura literária, a relação do corpo, do texto e da vida, a criação visual no coletivo, a releitura corporal da obra de arte e a criação coletiva da dança a partir do texto literário. A releitura corporal da obra visual deu-se ao deixar reverberar no corpo os registros deixados no painel, por meio das linhas, dos traços, dos cruzamentos e tudo mais que foi captado pela apreciação, como podemos visualizar na imagem da Figura 3.

Figura 3 – Sujeitos em processo de pesquisa



Fonte: Acervo da autora.

O aflorar da dança deu-se a partir dos traços deixados no painel. Assim como ficaram registradas linhas sozinhas e outras que se cruzaram, o movimento aconteceu da mesma forma – em momentos individuais e coletivos, por meio do compartilhar, da troca de olhares, do toque, do perceber o corpo e o movimento do outro. O estudo deu luz ao corpo dançante dos sujeitos, que foram atravessados pela potência da literatura, a qual possibilitou a amostra de movimentos sinceros e desvelados de hábitos cotidianos.

Como é possível dar continuidade a um caminho a partir do trajeto do outro? Pensar em como interagir e contribuir na construção coletiva de um caminho ativa a percepção do corpo em si, como também o olhar para o outro e para o coletivo, pois é necessário partir da observação de todos os corpos para a criação individual e, assim, contribuir na construção do grande grupo. Caminhos no coletivo foram criados, e cada sujeito contribuiu de forma particular com seu movimento. É possível percebermos esse movimento nas imagens da Figura 4.

Figura 4 – Pesquisa de movimento sobre “travessia”



Fonte: Acervo da autora.

Ainda debruçados sobre o texto de Guimarães Rosa, os Sujeitos-flores – assim chamados porque eles mesmos escolheram nomes de flores para seus codinomes –, criaram travessias no coletivo e na colaboração de corpos para a construção de um todo. Essas travessias mostraram desafios solucionados pelo compartilhar e pelo afeto, e esse movimento possibilitou a criação de caminhos com subidas e descidas, com cruzamentos, passagens e desvios. Além disso, despertou, principalmente, a sinergia, visto que cada corpo mostrou sua autonomia e sua contribuição no movimento do outro.

Mais uma vez, no caminho da dança, ocorreram encontros, olhares, toques, risadas, estranhamentos e desafios, assim como na vida, pois “a dança é um modo de existir” (Vianna, 2005, p. 105), e, por meio dela, é possível fazermos experiências que promovam a fruição da arte, a qual é capaz de sensibilizar os sujeitos para outros significados da vida pelo equilíbrio da razão e da sensibilidade. Aqui, a dança anuncia-se pelo aflorar do corpo dançante, pelo refinamento da percepção corporal e pelo corpo que se abre para outras relações e outras linguagens artísticas.

Refletir sobre todo esse processo é uma maneira de evidenciarmos o que foi pensado e sentido pela fruição do texto, da dança, do desenho e da criação. Nesse viés, os sujeitos escreveram, na obra visual (Figura 5), palavras que atribuem sentido ao processo desenvolvido.

Figura 5 – Registros de palavras no painel



Fonte: A autora com base nos dados da pesquisa.

Esses registros mostram a estesia do processo da dança. As palavras “cruzamentos, troca, partilha e formação de laços” apontam que o estudo promoveu encontros; “movimento, liberdade e diferente” anunciam que a dança foi além da ideia de reprodução de passos e que os corpos tiveram a liberdade de expressar suas singularidades; e as palavras “alegria e maravilhoso” mostram o prazer, o deleite da prática e apontam a estesia do processo criativo em dança mediado pela literatura e pela grafia do movimento.

O fazer, o pensar e o sentir estiveram presentes em todo o processo; os corpos estavam despertos e atentos a eles, ao espaço, ao contexto e à dança. As reflexões realizadas sobre o texto de Guimarães Rosa foram para além da simples compreensão do texto em sala de aula, pois os alunos buscaram relações com a vida e as expressaram pela dança, explorando como os

corpos se atravessam, se cruzam e modificam suas travessias. “Um processo didático e criativo é inesgotável”, por isso “[...] não busque nem estabeleça certezas, mas desperte o desejo permanente de investigação perante a dança e a arte” (Vianna, 2005, p. 15).

A leitura e a discussão dos textos literários ativaram a escuta do corpo, que passou a expressar a poesia da dança. A estesia da *performance* foi além do texto e do movimento, foi uma junção de sentidos, de significados e de sensações que afloraram nos movimentos dos sujeitos. As interações e as criações na dança e na grafia foram frutos da potência do texto de Guimarães Rosa, da mediação do professor e da leitura estesiante, o que possibilitou um expressar-se de modo genuíno e sincero com suas percepções, uma ressignificação textual e corpórea. Segundo Ferreira (2017, p. 92):

Os movimentos da poesia fazem o corpo dançar a música dos sentidos por meio de uma coreografia que se constrói a cada momento, despertando a sinergia, que rege todo o movimento com a batuta da sensibilidade, envolvida com o solo do violino corpóreo, o qual diversifica cada som produzido pela dimensão dos sentidos para um concerto universal, composto a partir da relação poesia e corpo, como uma ampla e profunda melodia da experiência estética.

A prática desenvolvida na escola desvelou movimentos inocentes e sinceros, livres das amarras produzidas pelos movimentos habituais do corpo. A leitura literária, a releitura corporal do texto, a criação com a grafia do movimento e a ressignificação da obra de arte apresentaram outras possibilidades de significações que se transformaram no processo da pesquisa. É o que transita entre a poesia do texto literário, as sensações e os movimentos, pois “[...] no palco das sensações poéticas, o corpo se move, amplia-se, se expressa, agiganta-se, cria relevos nas ondulações dos gestos, movimenta-se nas expressões e ganha plenitude, mostrando a existência em vários ângulos” (Ferreira, 2017, p. 89). Nesse sentido, o estudo deu-se de forma gradual, do particular para o todo, respaldado na troca de experiências, na leitura coletiva, na discussão sobre o texto, na exploração corporal das ações e seguiu para uma *performance*, na qual corpo e poesia se entrelaçaram na melodia da música.

Considerações finais

Neste artigo, discutimos as possibilidades de relação entre dança, literatura e artes visuais, apresentando possibilidades de práticas de dança na escola para além de repetições de técnicas corporais e coreografias. Práticas interdisciplinares despertam outros olhares e entendimentos para as áreas envolvidas. A dança é uma área de conhecimento e pode ser propulsora de experiências sensíveis na escola com mediações culturais adequadas, o que, nesse caso, envolveu o emprego de objetos propositores como a literatura e a grafia do movimento.

Na dança, por esse caminho estético e interdisciplinar, o sujeito percebe-se, permite-se, liberta-se e mostra-se. Os sujeitos dançam, constroem sentidos e transpiram seu empoderamento por meio da dança. Cada sujeito se expressa da forma como sente, como percebe a si e ao todo.

A dança pode instigar o sujeito a pensar e a sentir por meio do movimento, e essa dinâmica na escola provoca um deslocamento do olhar e do entender a dança. Traz à tona a dança como uma área de conhecimento que busca a formação integral do aluno e possibilita um olhar ampliado do estudante perante suas possibilidades de movimentos e de relações, as quais podem reverberar no meio em que ele está inserido. É uma busca pela liberdade do movimento, pelo aflorar do corpo dançante, pelo deleite da prática e pela poesia da dança.

Referências

BENTO, J. M. *Desenhar a dança/Dançar o desenho: traçando possíveis em composição coreográfica na dança contemporânea*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

BORBA, A. N. de; NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. A mediação cultural: encontros, afetos e oportunidades. In: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (org.). *Mediação cultural, formação de leitores & educação estética*. Curitiba: CRV, 2016. p. 91-104.

BRASIL. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 12, p. 59-62, 13 jun. 2013.

DIAS, B. Prefácio. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013a. p. 13-17.

DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos*. 5. ed. Curitiba: Criar Edições, 2010.

FERREIRA, G. L. *Corpo e poesia: para uma educação do sensível*. Curitiba: Appris, 2017.

MARCELINO, C. S. G. Onde a cultura autoriza uma história: pontos de vista da estética na educação – um ensaio equatoriano. In: GONÇALVES, J. C.; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. B. (org.). *Linguagem, corpo e estética na educação*. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 51-66.

MARQUES, L. A. S. *Grafiás na pedra: índices evolutivos da dança*. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MARTINS, M. C. *et al.* Objetos propositores: a mediação provocada. In: MARTINS, M. C. (org.). *Mediação: provocações estéticas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes, 2005. p. 94-123.

MEIRELES, C. *Os melhores poemas de Cecília Meireles*. Seleção Maria Fernanda. São Paulo: Global, 2002.

NEITZEL, A. de A.; CRUZ, D. V. da N.; WEISS, C. S. A leitura do literário como acontecimento. In: NEITZEL, A. de A. *et al.* (org.). *Cultura, escola e educação criadora: diálogos sobre experiências estéticas na educação*. Itajaí: Editora da Univali; Florianópolis: Dois por Quatro Editora, 2017. p. 123-136.

NEITZEL, A. de A.; STEIL, I.; FRANCEZ, L. Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. *Revista da Fundarte: arte, educação e performance*, v. 52, n. 52, p. 1-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.19179/rdf.v52i52.1097>

NHOQUE, J. R. A leitura do literário como experiência: um encontro. In: URIARTE, M. Z.; NEITZEL, A. de A.; KRAMES, I. P. (org.). *Cultura, escola e educação criadora: mediações culturais e proposições estéticas*. Curitiba: CRV, 2020. p. 167-196.

PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, M. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Tradução Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

STEIL, I. *Educação estética e o corpo dançante na escola*. 2021. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2021.

TERRASA, C. H.; FERREIRA, M. R. G. Escola e experiência estética: uma abordagem da estética e da arte a partir do Iluminismo. In: QUEIROZ, J. P.; OLIVEIRA, R. (org.). *Os riscos da arte: formação e mediação*. Lisboa: Editora Universidade de Lisboa, 2018. p. 105-114.

VIANNA, K. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

Submetido: 13.02.2023.

Aprovado: 22.04.2024.